

Baptista de Lima

Esposende até 1258



3
Principal
ventura





BAPTISTA DE LIMA

Espòzende atè 1258

Divagações históricas

SEPARATA DE «O ESPOZENDENSE»



ESPOZENDE
Livraria Espozemense
EDITORA

1931

FL 73

ESPOZENDE E A SUA HISTÓRIA ANTIGA

Obras de Baptista de Lima :

Bem-me-querês, versos, 1908.

Natercianas, sonetos, 1909.

Alexandrinos, sonetos, 1910.

Póvoa-de-Varzim, estudo etimológico, 1920.

Gomes de Amorim, opusculos, 1927
—28 e 29.

Bravos do Mindêlo, estudo histórico, 1929.

BAPTISTA DE LIMA

Espozende atè 1258

Divagações históricas

SEPARATA DE «O ESPOZENDENSE»



ESPOZENDE
Livraria Espozendense
EDITORA
1931





DEDICATÓRIA

QUIS a gentileza do meu amigo e venerando colega Sr. José da Silva Vieira, na sua comprovada dedicação pelas velharias históricas, que este meu humilde trabalho fosse publicado no presente opúsculo—para presentear, com elle, alguns amigos meus e dessas velharias. Só este fim gentil justifica a publicação de trabalho tão modesto.

Agradecendo, pois, cumpreme dizer que a série de artigos, que vai transcrita, foi feita sem pretensões e ao correr da pena,

nesta labuta jornalística, extenuante, de todos os dias. Não admira, portanto, que o leitor inteligente encontre falhas; se isso se der, que m'as desculpe com o grande desejo, que me norteou, de acertar e de ser útil.


Ao Sr. Silva Vieira e aos meus amigos dedico, reconhecidamente, este pequeno trabalho de investigação histórica, que me deu, ao concertá-lo, algumas horas de prazer espiritual. Entre muitos autores, cujas obras consultei, conta-se Ricardo Severo,

o arqueólogo e cientista illustre.

Também dedico o meu trabalho a Espòzende, pois com éle eu pretendi dignificá-la, engrandecê-la,—à pitoresca vila que o Cávulo e o Atlântico deleitam e notabilizam, e por vezes tentava, sem dúvida, num ciúme doído, afogar em beijos—amorosamente...

Baptista de Lima.

Vivendo nas serras

 **HOMEM** primitivo habitou as cavernas, as grutas, os abrigos naturais. Ele só os encontraria melhores nas montanhas, nas serras, nos montes, nas encostas.

A *Montanha* ainda tem o seu quê de majestático, de imponente, de sublime! ainda se distingue, perfeitamente, da *Ribeira*, como meio físico e social,

Os velhos povos veneraram a *Montanha*, ajoelhando quando rompia o Sol criador e proibindo que o mortal profundasse ou profanasse o sagrado Solo. . .

Nas cristas montanhosas, de difficil acesso e de vigia esplêndida, o homem primitivo, *nómade*, errante, se ali se quizesse fixar, encontraria a mais segura defesa, como a encontrou o homem que depois na *Montanha* se tornou estável. E é mais puro o ar na terra do planalto, e nela se vive mais perto dos *Astros* que iluminam. . .

Era então, o homem, *trogoditi*, vivendo nas cavernas, e caçador. Período de Civilização que se chama *paleolítico*, ou da idade da pedra lascada.

*

Nas serras do Cávado ao Neiva, pelo nascente dominando Espózende e suas pitorescas po-

voações marítimas—dominando toda essa longa praia como o pano-de-fundo dum scenário maravilhoso e empolgante!—nessas serras habitaram, sem dúvida, velhas gerações. Por ali tem aparecido valiosos objectos arqueològicos, a comprová-lo; há lendas e tradições interessantes, bem significativas e concludentes, e o nome *ANTAS*, de que ainda usa a Freguesia de S. Paio, continúa sendo o testemunho vivo, inelutável e inconfundível, perante a história que se fizer e os séculos que vão passando com as gerações, uns apòs outros.

Antas ou *dólmenes*, formados por grandes pedras achata-
das e colocadas horisontalmente
sòbre outras verticais, são mo-
numentos megalíticos do perío-
do *neolítico*, ou da idade da pedra
polida. Os *dólmenes*—designação
céltica—e *antas* (com suas *ma-*

moas) foram os túmulos, as necrópoles duma nova Civilização que floresceu. O homem, então, deixou se ser errante, pois já não era apenas caçador, e fixou-se na terra que agricultava, e construiu a sua habitação estável e defensiva.

Em Espözende (Vila-Chã), appareceu um *machado pre-histórico*. Na serra de S. Lourenço existe, com carácter mítico, a *Fonte da Virtude*, onde os cren-tes vêm a cura de enfermidades infantis na água que um pene-do por vezes contém. Esta ser-ra—diz a tradição popular—*foi habitada pelos MOUROS*—designação genérica que o nosso povo costuma dar ás velhas gerações, embora elas tenham sido anteriores á conquista dos árabes. . .

*

*

*

Daqui se conclúi que são mais antigos os povos das montanhas, e que das serras, ou montes próximos, descendem as povoações dos vales e das planícies, como as da nossa pitoresca orla marítima, da nossa fértil faixa atlântica, — como Vila-do-Conde, Póvoa, Viana, Espözende.

Dos iberos aos visigodos

DIZ a História que á nossa Península vieram muitos povos ou tribus: as frotas dos negociantes, as caravanas dos foragidos, os bandos dos aventureiros, as hostes dos conquistadores, etc. De facto, novas civilizações se foram operando; outros costumes, usos e rumos na vida social se foram sucedendo.

Na costa marítima do Ave ao Lima, eu creio na influência dos *iberos*, *ligures* e *celtas*; mas acredito pouco na influência dos *fenícios* e *cartagineses*, ou na dos *árabes*. Estes vagos vestígios deixaram da sua passagem por este território, e historiadores afirmam que os árabes não conseguiram fixar-se *para além do Douro*; apenas se quer ver no nome *Tamel*, ao norte de Barcelos, um derivado do árabe (*Tamel* figura nas Inquirições como *Tamal*). E, quanto aos fenícios e cartagineses, se na sua rota passaram por este litoral, julgo que nada os seduziu para as suas «colónias» ou «feitorias», pois é admissível que o solo espózen-dense fosse, então e ainda, quasi todo pertença do mar — que iria bater ás serras, hoje vizinhas, em que viveriam os naturais vigilantes e magnificamente

situados e defendidos.

De-mais, a orla marítima, do Leça ao Cávado, talvez fosse pouco habitada nos primeiros tempos pre-romanos, devido á falta de pontos estratégicos de defesa — *os montes*, que ficavam no interior. Assim, a via militar romana seguia directamente do Pôrto a Braga, e daqui também directamente a Túí, por Ponte-do-Lima. Mas o mesmo não se poderá dizer da costa atlântica do Cávado a Viana, onde passava a via militar de Braga a Fão e Espózende á Galiza, por Lugo a Astorga.

Em Espózende, a influênciã romana, impondo a sua Civilizaçã e a sua Língua, é bem manifesta e evidente; — menos a influênciã de carácter étnico, cujo fundo sabemos ser o *ibero-lizure*. E em Espózende verifica-se, também, a notável influênciã da segunda invasã dos povos

germânicos ou teutónicos, dos suevos e dos visigodos depois.

Todos êstes povos —iberos, ligures, celtas, romanos e teutónicos—contribuíram para compor a actual população portuguesa do Ave ao Lima—de Vilado-Conde, Póvoa, Barcelos, Viana, Espózende.





Os lusitanos

QUANTO à influênciã dos *lusitanos* ou *lusos*, na orla atlântica do rio Douro ao do Minho, e Galiza actual, há quem não inclua essa faixa na Lusitânia, — afirmando que esta não ultrapassára o rio Douro. De-facto, é assim que a Lusitânia figura no mapa da dominação romana, embora appareça no mapa dos



tempos proto-históricos, até o mar Cantábrico; mas temos de concordar que, na proto-história, é quasi tudo vago e incerto, sem fundamentos indiscutíveis e sólidos, e que os geógrafos e historiadores romanos são os únicos que nos fornecem dados exactos dos antigos povos da Península.

Herodoto e Plínio demarcam os celtas junto do Cabo Finisterra; a influência gaulesa do nosso litoral está verificada no tipo médio da actual população; os lusitanos são de origem céltica: mas Viriato assinalou-se nos Hermínios (Serra-da-Estrêla) e Sertório fez a sua capital em Évora. Ora, pois, parece que, se a Lusitânia proto-histórica se estendera até o mar Cantábrico, o fizera pelo interior do oriente peninsular, e que, pelo ocidente, não passára, efectivamente, da margem esquerda do Douro, pa-

ra entre Douro e Minho e Trás-os-Montes.

Se na Lusitânia se incluía o território do Douro ao Minho, ou mais além pela Galiza actual, podemos encontrar motivo na razão dos lusitanos terem igualmente origem céltica como os povos que aqui, nêsse território viviam. É interessante saber-se que os lusitanos invadiam *constantemente* a Bética e esta era na actual Andaluzia, situada no extremo sul da Península e enfrentando Évora, a capital lusa de Sertório.

Autores contemporâneos de Strabão davam, *como comprehendidas na Lusitânia, as tribus limitrofes*,— «assim comprehendidas por serem pouco importantes»; e, de facto, Strabão diz que essas tribus não merecem referência,— *por serem povos obscu-*

ros e pouco importantes. Mas se Strabão e seus contemporâneos se quizeram referir aos povos do norte do Douro, é bom acentuar-se que êstes, a-pesar-de obscuros e pouco importantes, foram sempre, *como os seus irmãos lusitanos ou lusos*, ciosos da sua independência e liberdade! pois foi por aqui que Pelayo resistiu corajosamente aos árabes — *que igualmente não se fixaram para cá do Douro!*— e foi daqui que se formaram, dessa resistência sublime, as duas grandes nações de hoje—Espanha e Portugal! . . .

*

Ptolomeu disse que *na Lusitania não havia montes.* A isto respondeu o Dr. João de Barros, na sua «Geografia de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes» (1549):

«e êle di-lo pela Estremadura, que por onde entram é chã; mas, em Galiza e Entre Douro e Minho, ha montes muito ásperos. . . E diz Santo António, arcebispo de Florença, que na provincia de Galiza, e em que se contém a comarca de Entre Douro e Minho, se acolheram muitos cristãos por causa da fortaleza da terra, e diz que esta parte nunca foi tomada dos mouros. . . por ser terra de má serventia, por causa dos rios e montes que ha nela, em que se gastava muito tempo e o exército dos inimigos estaria mal seguro. . . Outra razão há para isto, que dá Plínio e outros autores, que nesta parte se criam os homens mui fortes, belicosos e de esforçados ânímos».

Quanto á Lusitânia não ter montes, estaria Ptolomeu den-

tro da verdade, e o Dr. João de Barros é que se esqueceria de que éle se queria referir à Lusitânia romana, *que então era do Douro para o sul*. E, de-facto, é Ptolomeu quem divide a Galiza nos dois ramos principais: *lucenses e brácaros*.

*

Diz-se que os *brácaros*—tribu galo-celta—fundaram Braga, a *Brácara Augusta*, 300 anos antes de Cristo. Podia ser assim ou ao invés—a tribo tomar o nome da *Brácara*, povoação assás importante nos tempos dos romanos, centro convergente de várias vias militares, senhora de um vasto território—Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, e parte da Galiza actual; sendo muito para ponderar, pelo seu significado, o título que ainda usa

o arcebispo bracarense—*Primás das Espanhas*.

Não é admiração nenhuma os povos terem tomado os nomes das suas terras, ou pelos nomes delas serem êles conhecidos; ainda hoje os indivíduos tomam os apelidos das suas povoações.

Lusitânia—em confronto de analogia de sufixo com Hispânia e Mauritânia—podia ter sido o país meridional da Península, tomando o nome, os *lusitanos*, de *Luci*, ou doutro vocábulo semelhante em significado e dado a qualquer montanha da Beira. As povoações *Luso* e *Luzinde*, esta em Penalva-do-Castelo, parecem dizer algo. Também Espanha se chamou *Hespéria*, pela razão de ser o país mais ocidental da Europa, do nome de Hespero ou Vespero, *planeta*, o mesmo

que Vénus, o qual aparece de tarde no Ocidente.

Eu sei que nos mandam escrever Lusitânia, lusitanos e lusos com *s*; mas... *lusio*, *lusus*, *lusorium*, etc., igualmente poderiam ter dado o nome a *luso* ou *lusitano*; e é interessante saber-se que há quem deseje ver em *Luzitania* uma origem fenícia. uma derivação de *luz* ou *luzi*—significando «amêndoas», ou «cheia de amendoeiras».

Eu inclino-me para o *Luci* latino, pois ainda julgo ver *Luz* no nome *Estréla*—da serra em que Viriato, o famoso lusitano, se entrincheirou para resistir ás legiões romanas.

*

*

*

Destas pobres divagações históricas, em que me meti, apenas desejo frisar que é problemático

a Lusitânia ter ultrapassado o Douro, e que não pode apeli-
dar-se de lusitano ou luso o
povo da faixa atlântica a que me
venho referindo. Como vilacon-
dense, julgo-me *brácaro*, embo-
ra da mesma origem céltica dos
lusos. E desejo acentuar a an-
tiguidade e importância de Bra-
ga—a vetusta e famosa *Bráca-
ra*—donde julgo ter irradiado
um progresso extraordinário pa-
ra a orla marítima do Douro ao
Minho, a começar nas velhas
povoações castrejas e medievais
—Rates, Faria, Neiva, etc.—e a
acabar nas ridentes e prósperas
localidades que hoje são—Vila-
-do-Conde, Póvoa, † Barcelos,
Viana, Espózende,

Os brácaros

Os *brácaros*—diz Pinheiro Chagas—que povoaram as províncias nortenhas do moderno Portugal (Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes), *dormiam na terra nua ou em cima de montes de feno* (segundo Strabão).

Parecerá isto extraordinário — *dormir na terra nua*—mas não o é para quem se lem-

brar que os climas e as condições atmosféricas seriam outros bem diferentes dos actuais; que, então, predominariam outras temperaturas. Talvez seja por isto, talvez—por o homem viver muito bem ao relento, dormir na terra nua, harmonizando-se mais com a Natureza, modestamente, do que com o progresso da civilização ou o luxo do convencionalismo social—que, em muitos *castros* e habitações lusoromanas, os vestígios de *tégula* não aparecem, desorientando os arqueólogos...

Vivendo na terra nua! Mas há quem estranhe que o povo, antigamente, pudesse habitar a Montanha, por ser desabrigada, quando é certo que êle, o povo primitivo, nela viveu e dela descende—e ainda nela vive por muitos montes e encostas!...

A vianda predilecta dos *brácaros* era a carne de bode, e os montanhesees viviam, grande parte do ano, com bolotas reduzidas a farinha, de que faziam uma espécie de pão. Vestiam de prêto e as mulheres usavam vestidos compridos e túnicas bordadas. Os bateis eram de couro.

Há já aqui, como se verifica, uma civilização em marcha. Mas parece que os *brácaros*, comendo carne de bode e pão de bolota, eram apenas caçadores e não seguiam, ainda, o verdadeiro regime pastoril e o regime agrícola.

Outra civilização os mandou seguir. Qual? a dos celtas? Outra civilização que fez dos *brácaros* pastores e lavradores, obrigando-os a descer das encostas e planaltos improdutivos para as planícies e vales férteis,—

arroteando a terra-mãe.

Constituíram-se, então, as *vilas*, chamadas luso-romanas e oriundas dos velhos *castros* e *cividades*. Dá-se início, portanto, à vida comunista, industrial, pastoril e agrícola. As *vilas* são os grandes prédios rústicos, com a habitação do proprietário, a habitação do feitor e a granja ou celeiro.

Têm origem nessas *vilas*— chamadas *Comide*, *Veracini*, *Espanuzêndi*, — Vila-do-Conde, Póvoa-de-Varzim e Espòzende.

Castros e cividades

Das serras do Cávado ao Neiva, desceram os habitantes castrejos para as encostas e planícies. Mas os *senhores* ficaram em cima, nos *castros*, naturalmente, — dominando os clientes e os servos, observando tudo, entrincheirados nas penhas defensáveis e inacessíveis.

No concelho de Espözende,

dizem muito Apúlia e Fão. Em Rio-Tinto há um lugar chamado *Castro*; em Belinho, o monte do *Castro* (êste a 236 metros de altitude).

O nome *Faro*, porque é conhecido o monte em frente a Espòzende, serve para se dizer que ali houve um *farol* a guiar os navegantes ao longo da costa, ou para a sua entrada na foz; mas também o nome *Faro* pode indicar, ali, a existência dum *castro*,—vigia e sentinela do Cávado e do Atlântico, *castro* em que se acendia o *facho* e se davam sinais avisando os povos da planície, e os circumvizinhos, da aproximação de gente suspeita ou inimiga.

Interessante a informação do falecido e saudoso Dr. Figueiredo da Guerra, falando de S. Paio de Antas;

«Nos campos das *Rodondas*, junto à estrada de Viana, viam-se vestígios de povoação antiga, e muitos cacos de *tégula*, e no cimo do monte da *Cividade*, que lhe fica eminente, restavam as ruínas de dois *castros*, dominando o mar a dois quilómetros de distância, pois a colina avança sôbre a praia».

A antiga povoação, de que nos fala Figueiredo da Guerra, deveria ter sido uma vila das chamadas luso-romanas. Prova-se que, na margem esquerda do Neiva, houve uma *cividade* com seus *castros* defensivos e abrangendo uma determinada área ou território circumvizinho, e povo pre-romano. E, para defesa dos descendentes d'este povo que vivia junto do Neiva, do outro ao

norte que se estendia até ao Lima, do outro ao sul, até o Cávado, até Espözende, e do outro ao nascente, por Barcelos, teve origem, sem dúvida, o Castelo medieval de Neiva, e depois a Terra e o Julgado do mesmo nome, com sede naquela fortaleza próxima do mar, junto da foz do Neiva, no ponto equidistante das fozes do Cávado e Lima.

Junto do Castelo de Neiva, e defendida por êste, floresceu a maior pescaria medieval que irradiou para o sul, para Espözende,—para a foz do Cávado, E' na freguesia de Sant'-Iago de Neiva (*Sancti Jacobi de juxte prope Castellum*), que nós encontramos, em 1258, o fôro de 300 congros, o navoo do porto do mar, as pesqueiras do rio, etc.

Veio depois, das *cividades* e *castros*, a civilização romana, completar a obra. As *vilas* passaram a ter as funções das velhas *cividades*, a ser as aldeias, os territórios que correspondiam ás freguesias de hoje e em que mandavam os *senhores* dos *castros* e *paços*.

A dizer alguma coisa ainda, há o lugar do *Paço* em Gândara; outro em Gemezes; e o lugar da *Torre* em Palmeira. Em Rio-Tinto, outro lugar do *Paço*.

Na serra de S. Lourenço apareceram moedas romanas. Há muitos nomes latinos em Espozende: Curvos, Fão, Apúlia, Góios, etc.

Barcelos, então, é rico em nomes latinos e góticos. A propósito: eu julgo provável a *Villa Vercelli*, ou *Villa Vercellius*, ter dado o nome a Barcelos.

Villas romanas

As *villas romanas* fraccionaram-se depois nas quintas—*conjuntos murados de propriedades*—e o vocábulo *villa* voltou á primeira forma; deixou de ser o território subordinado a um só senhor, para significar a quinta, a herdade com seu proprietário e caseiros, os servos ou familiares.

Quem operaria esta mudan-

ça? Certamente, as transformações sociais e políticas dos tempos proto-romanos. Os prédios foram tomados e os conquistadores passaram a designá-los com seus nomes, de origem neogótica, a que se dava, quasi sempre, a terminação em *i*, do genitivo.

No concelho de Espôzende aparecem, entre outras, as *Villas Bellini, Froidni* (depois *Bellino* e *Forjães*) e *Savarici* (*Savariz*, quinta de *Forjães*, que fôra depois incorporada em *Vila-Fria*).

Opto por *Villa Froidni*, segundo *Figueiredo da Guerra*, e não *Forjanis*, do senhor *Forja* ou *Furja*, segundo *A. Gomes Pereira*; *Frogiaes* é como vem nas *Inquirições*. Também de *Gomes Pereira*, não faço referência à *Villa Geminensis*, «dos gémeos».

pois Gemezes nas Inquirições aparece com formas mui diferentes: *Julmezes, Jumezes e Jumeses.*

A. Gomes Pereira, nas suas *Tradições de Barcelos*, deixa sem derivação *Criaz*, de Barqueiros, e diz ser nome árabe *Criaz*, de Apúlia, que julgo ser o mesmo *Criaz*, o mesmo lugar (parte pertencendo a uma freguesia e parte a outra). Figueiredo da Guerra diz que *Criaz* é palavra antiquada, sinónimo de *amádigo*, ou o sítio onde se *criavam* filhos de outrem; mas ainda não consegui averiguá-lo, nos vocabulários de palavras obsoletas. E' de notar que *Criaz* tem muita analogia com *Queriaz* (*Queridici, Queriaz, Qu'riaz*==*Criaz*).

*

Aproveito o ensejo para prestar, aqui, a minha homenagem de profunda saudade e de

elevada simpatia, aos dois escritores falecidos — Dr. Figueiredo da Guerra e Professor A. Gomes Pereira, dois apaixonados investigadores históricos, valiosos auxiliares de José da Silva Vieira, nos seus trabalhos folcloristas. A *Colecção Silva Vieira*, onde figura também o sábio Dr. Leite de Vasconcelos, bem merece dos estudiosos, das Academias e do Govêrno; considerando-a de verdadeira utilidade pública. Espözende, Barcelos e outras muitas terras devem a seu editor os melhores serviços pela publicação de suas tradições populares, cançioneiros, vocabulários, investigações históricas, etc. Por isso, prestando aqui homenagem a Figueiredo da Guerra e A. Gomes Pereira, eu torno-a extensiva, muito sinceramente e com louvor, ao prestantíssimo cidadão José da Silva Vieira;

pois serei eu um dos poucos que saberão avaliar da sua obra, pela grandiosidade que ella assinala, e da dedicação, pelo sacrificio que ella representa — publicando — a. Deve ostentar a comenda de Benemerência e Instrução quem menos tenha feito por ellas do que José da Silva Vieira, de Espózende.

*

Afinal, é junto destas *villas*, transformadas em logares, que se ergueram os primeiros campanários cristãos e se formaram, depois, as freguesias ecclesiásticas, as quaes tomaram os nomes dos padroeiros das igrejas, capelas ou simples ermidas, e das *villas* contiguas ou próximas.

No concelho de Espózende, e indicando *villas*, temos *Vila Chã* e um logar com o nome de *Vila* em Curvos; em Fonte-Boa

e Gemezes, os logares de *Cima de Vila*. Antas foi, primitivamente, *Vila de Antas*, e ali houve a antiga *Vila Azevedo*, hoje logar. No sopé do monte do *Castro de Belinho*, ou *S. Fins*, existiu, outrora, a *Vila de Sanfins*. *S. Bartolomeu do Mar* também já se chamou *Vila Aton*.

Eu sei que o nome *villa*, hoje com significado muito diferente, designou, a princípio, o logar-sede da povoação, mesmo *simples aldeia*, ou da *herdade* que lhe deu origem; a êsse nome correspondendo os de *Cima-de-Vila*, *Fundo-de-Vila*, etc.; e sei que muitos cidadãos, vendo escrito o vocábulo *villa* em documentos medievais, julgam que êle quiere dizer *villa urbana*, como hoje, terra com categoria superior á de *aldeia* e inferior á de *cidade*,—quando é certo que *honras de vila* sò as tiveram as po-

voações *sedes de concelho* ou aquelas que, pela sua importância urbana, receberam, como Espózende, as suas *cartas régias*, as quais lhes davam direito a terem *juizes de fóra*.

VII

Castro de Faro

Mas que direi eu de Espózende, a pitoresca vila que o Cávado beija e o Atlântico suaviza?

Que tudo indica que Espózende foi uma das chamadas vilas luso-romanas, da beira-mar, tendo por defesa natural o rio e o oceano, e por vigia e baluarte o *Faro*, aonde todos os vizinhos se acolheriam perante a

ameaça duma invasão de estranhos e aonde batalhariam até à última, pelas suas vidas e haveres, pela sua independência e liberdade.

Na eminência do *Faro* é naturalíssimo que tivesse existido um *Castro*, que o tempo esqueceria e que um novo barbarismo destruiria, quiçá por motivo do rompimento das célebres pedreiras, ou o povolêu ignaro na sua credence de achar tesouros escondidos pela *moirama*. O que não resta dúvida é que naquele monte, junto ao mar e na foz dum rio, um *Castro* não deixaria de ser duma reconhecida e justificada necessidade, importância e vantagem estratégica. Di-lo ainda o nome *Faro*, e na Gândara o nome *Paço*, — o palácio que foi, certamente, do *senhor* que trouxe a civilização romana e mandou, portanto, na

civitas espözendense.

Há falta de documentos escritos a comprová-lo? Sim; não os têm cidades grandiosas e notáveis. Ainda não sabemos quem descobriu a América, e já se diz que é um mito o nome Cristóvam Colombo—e certamente a sua história do ovo. . .

Apenas a tradição nos diz algo, nas notícias que a fantasia por vezes corrompe ou todos olvidam e obliteram. Os restos das velhas gerações vão-se apagando, extinguindo com o tempo e com o esquecimento dos homens, e no solo jazem as provas dos antigos povoados, escondidas ou diluídas, dispersas ou desfeitas nas ruínas subjacentes em que as casarias hodiernas se alicerçaram.

Isto se dá com Espözende. As águas do Cávado, os medos invasores, as dunas, as areias

movediças haviam de sepultar, por vezes, a povoação, desfazer e soterrar os testemunhos inelutáveis e autênticos do seu passado longínquo e brilhante.

Não é admissível que, na margem direita dum rio tam célebre—o Cávado—e na sua foz, por onde passava a via romana para a Galiza a Astorga, não demorasse uma das chamadas *villas lusas*. Por vezes as hipóteses falham, mas não as deduções severamente lógicas e concludentes! . . .

Herculano só quiz saber da História de Portugal desde o período asture-leonês, porque no seu tempo ainda estava em ensaios a história natural dos povos e das civilizações.

VIII

Há sete séculos

A vila luso-romana, progenitora de Espózende, desmembrára-se em quintas diversas; mas, numa delas, ficára o senhor *Espanuzindus*—nome próprio gótico ou gôdo, germânico—e, com êle, a sua *Villa Espanuzendi*—o grande prédio rústico, a quinta murada, o conjunto de propriedades que depois formaram um lugar, uma povoação que deu ori-

gem á vila que hoje é a sede dum concelho—a pitoresca Espözende.

A. Gomes Pereira fala-nos em *Spanosêndus*, mas diz que não possui a obra de Mayer Lübke; todavia, Figueiredo da Guerra, com o testemunho do sábio filólogo alemão, dá-nos *Espanuzindus* palavra derivada de *sendos* ou *sindos* e correspondendo ao gôdo *sivinds*==FONTE.

Nos *Portugaliae Monumenta Histórica* (de Herculano, edição da Academia das Sciências), figura, de-facto, a forma *Spanuzindo*, nos *Diplomata et Chartæ*, documento n.º 64—como diz A. Gomes Pereira; e nas *Inquirições* de 1258, aparece, ainda, a povoação *ESPOESÊNDI*, que não succumbiu e antes venceu, através dos séculos, os caprichos das águas do Cávado e do Atlântico

e dos medos invasores, as arremetidas andazes dos corsários, dos conquistadores, das tribus bárbaras e guerreiras.

*

Aqui sou obrigado, por amor à verdade histórica, a contrariar a opinião do falecido e saudoso Dr. Figueiredo da Guerra, que quis ver, em *Espoesêndi das Inquirições*, UM SIMPLES CASAL, quando Espözende era, nessa data—1258—UMA POVOAÇÃO E LOGAR, a par doutras povoações e logares que ali se citam—*Zopaes* (Cepães), *Gontimir*, *Goyos* e *Rio de Moinhos*.

Diz Figueiredo da Guerra, em «O Espözendense» n.º 241, de 23 de Novembro de 1911:

«O LOGAR de Espözende, da freguesia de S. Miguel de Cepães, era ainda, em 1258, UM CASAL que se apropriou do nome gôdo do seu possuidor, aí pelo meio do século X».

Ora, o lugar de *Espoesêndi* apenas veio á colação, nessas *Inquirições*, por haver ali um casal pertencente a Santa Eulália de Rio-Côvo, casal que lavravam os de Palmeira e *dêle não queriam dar renda ao rei*. Se não fôra êste facto, o lugar de *Espoesêndi* nem sequer viria citado, como o não foi nas *Inquirições* de 1220, em que não aparece; e a falta justifica-se, porque, pertencendo, o LOGAR, à *freguesia ecclesiastica* de S. Miguel de Cepães (hoje Marinhas, e onde, então, se erguia a igreja paroquial), o lugar de *Espoesêndi* pagava os direitos

reais que lhe tocavam, SEGUNDO OS SEUS FOGOS, e cumpria os deveres que lhe competiam. As *Inquirições* apenas visaram a mencionar a freguesia *eclesiástica*, declarando-se o que ela continha de bens e pagava de direitos NO SEU CONJUNTO DE LOGARES; e, se ás vezes citavam êste ou aquêlê povoado, êste ou aquêlê casal da freguesia inquirida, era porque havia motivos especiais para fazer referênciã a qualquer cidadão ou cidadãos que nêle abusavam ou se recusavam a cumprir deveres.

O lugar de *Esposêndi* podia ser constituído, sem dúvida, por um só casal; mas não podemos tirar essa hipótese da citação do casal de Santa Eulália, porque, se êste não pagava direitos à Corôa, e por isso fôra mencionado, outros casais existiriam no lugar—

pagando tais direitos.

Se *Espoesêndi* fosse um simples casal, não se diria nas *Inquirições* de 1258:

«Item, in *Espoesendi* ha UNO casal de Sancta Ovaya de Rio Covo, et...

mas dir-se-ia:

«Item, in (certo logar, que então se mencionaria) ha O Casal *Espoesendi*, et...

Logo, daqui se conclui, logicamente, que o nome *Espoesêndi* era dado a um logar, a-parte doutros—Cepães, Goios e Rio de Moínhos—e não a um simples casal, o de Santa Eulália de Rio-Côvo.

Só poderíamos afirmar, em face das *Inquirições*, que *Espoesêndi* possuía um único casal, se elas tivessem o fim, que não ti-

veram, de determinar a quantidade de casais de cada freguesia ou logar; por isso, o UNO não significa, terminantemente, *só um casal existente no logar* mas sim, como se depreende, *o único casal de que, no logar, não queriam dar renda ao rei*. É intuitivo que, se houvesse UM só casal em *Esposêndi*, nem seria preciso citar-lhe o nome, distingui-lo, determiná-lo claramente—*de Sancta Ovaya de Rio Cova*; bastaria dizer. Em *Esposêndi* os que lavram o casal, e que são os de *Palmeira*, não querem dar renda ao rei.

Como as rendas eram pagas por todos os paroquianos, quem não pagava prejudicava os outros; por isso, nomeavam-se os que se eximiam ao pagamento; e, assim, as *Inquirições* fazem referência a UM casal em *Esposêndi*, a DOUS em *Goios*, a

UMA herdade em Gontimir, etc.

Os de Palmeira, como eram de povoação coutada, julgavam-se isentos de dar renda ao rei por lavrarem o casal que a igreja de Rio-Côvo possuía em *Esposendi*.

«Item, omes de Goyos metem se no Couto de Palmeira et de Fao et vam lavar a herdade foreira de Goyus, et non querem dar na renda e torna sse a renda sobre los outros omes de Goyus.

Claro está que o saudoso Dr. Figueiredo da Guerra — a quem já, aqui, prestei a minha homenagem — com a sua opinião, nascida dum equívoco muito natural, não quiz depreciar Espózende, terra de que era bom amigo; da mesma forma que eu, contrariando a sua opinião, não

desejo realçar o meu espirito critico nem fazer louvaminhas, uma vez que só me dou por satisfeito vendo brilhar a verdade historica. Aqui ella brilha, por justiça, elevando Espòzende? um tanto melhor; por tal facto, eu regosijo imenso e creio que, como eu, regosijaria, se fosse vivo, o próprio Dr. Figueiredo da Guerra.

Há males que veem por bens. Bendita a circumstância, pois, deste casal não pagar a renda ao rei, pois só assim Espòzende veio mencionado nas *Inquirições* de D. Afonso III e se soube da sua existência em 1258! . . .

E não é desdouro Espòzende, nessa data, ser apenas um logar. O mesmo aconteceu ás grandes povoações da nossa faixa atlântica: Vila-do-Conde per-

tencia á freguesia ecclesiástica de Formariz, que hoje é um lugar, e Póvoa-de-Varzim á de Argivai, que hoje pouco mais é do que um lugar. O facto justifica-se, porque o progresso avançou para as lozes, veio do interior para o litoral.

Cepães era um lugar como os outros; até podia ser o menos importante em casais e riquezas. Só possuía uma coisa que os outros logares não tinham: a Igreja Matriz, a qual lhe dava as honras de lugar—sede da paróquia.

*

*

*

Mas... *Esposèndi* não succumbiu e venceu—para provar a sua existência nos tempos pre-históricos, nos tempos luso-romanos, dos suevos e visigodos, da restauração asture-leonesa,

da restauração asture-leonesa, da alta idade-média e da fundação de Portugal!

Espózende—que historiadores sem crítica dão como localidade dos meados do século XVI, da época do seu foral ou carta de vila, quando então já era terra **IMPORTANTE**; Espózende—que etimologistas baratos fazem derivar, o seu nome, de : E POS VENDE (!!!)—prova assim, com seu nome e de ressaibos neogôdos — **Esposesendi** — E JÁ EXISTENTE HA 7 SÉCULOS—Espózende, duma maneira irrefutável e inconfundível, prova a sua nobilíssima antiguidade, em que há projénie ou ascendência ilustre e velhos e fulgurantes pergaminhos heráldicos.



Inquirições de 1258

S. MIGUEL DE CEPÃES

«Item, in parrochia Sancti Michaelis de Zopaes. Petrus Menendi capellanus, Johannes Petri iudex, Domnus Duraudus, Petrilion, Petrus Pelaiz, Gunsalvo Louro, Martinus Petri, Dominicus Petri, filius de Gunsalvo Louro, Dominicus Gunsalvi, Petrus Petri:

que el Rey non est padrom. Item, de ista parrochia davam al Rey cxxxvj maravedis; et quitou á ecclesia v. maravedis, et dam os parrochianos cada ano al Rey cxxxj maravedis et viij. car-

neiros, et senas gallinas de cada fogo, et lxxx ovos: et pectam iij.^{or} caomias davanditas: et vam ao Castello.

Item, ha El rey in Gontimir uno Regaengo cognoszudo, scilicet: prope de Sancto Faustro ij cortinas. Item, no Feijoal j. leira: in Covas j. leira: et nas Enfestas j. leira: et in Queixo j. leira: et in nas Travessas j. leira: et in Guilifouxij. leira: et in nos Pousadoiros ij leiras: et Ripa ij. leiras: et in Cortas j. leira: et in Agro mayor j. leira: e tin Sarapilido de Susao j. leira: et in Senra iij. leiras: et in Sarapilido de Jusao j. leira: et in leiro j. leira: et in Senrela j. leira: e in Talio meyano j. leira: et in Agra j. leira: et in Tras lo valo j. leira: et in Geraz j. leira: et in Longaram j. leira: et in So Palacio j. leira: et in Barrosas j. leira: et in Solinar j. leira: et in Campos j. leira: et in Salgueiros j. leira: et in Pumar ij leiras: et in Regaenga ij cortinas: et in Romain ij leiras: et in Folgosa j. cortina: et in Agrelo de Susao j. leira: et in Agrelo de Jusao j. leira: et in no Talio j. leira: et in Lum-

bu j. leira: et in Agro deirigo j. leira: et in no Travesso j. leira: et in Fogios j. leira: et in Longoyros j. leira: et in Vinal j. leira: et in Pedragosa j. leira: et in Madriam j. leira: et in Senra j. leira: et in Leira longa j. leira: et in Covelo j. leira: et in Agro de Gendo j. leira: et in Sobre pozo j. leira. Et este Regaengo dá o Mayordomo del Rey por sua offrezom a quem li mais dá.

Item, omees de Goyos metem se no Couto de Palmeira et de Fao et van lavrar a erdade foreira de Goyos, et non querem dar na renda et torna sse a renda sobre los outros omees de Goyus.

Item, omees foreiros do Fao moram na erdade foreira de Goius; e porque dizem ca sum foreiros non querem dar na renda do Rey. Item, o Moesteiro de Boyro comparou dous casaes in Goius que soyam dar renda al Rey, e ora non na dam. ITEM, IN ESPOESENDI HA UNO CASAL DE SANCTA OVAYA DE RIO COVO, ET LAVRAM NO OS DE PALMEIRA ET NON QUEREM DAR RENDA AL REY. Item, in Gontimir avia donna Elvira uma

erdade que fazia foro al Rey, et recebeu Petro Velio por filio; et vendeu esse Petro Velio a erdade a seu irmao Martinus Petri et non dam dessa erdade renda al Rey.

Item, filios e netos de Coteiffe sum erdadores de Gontimir et foram se morar a Palmeira, et lavram a erdade de Gontimir et non dam renda al Rey. Item, Aviziboo, erdador de Gontimir, recebeu Fernando Alfonsi por filio in erdade foreira. Item, in Zopaes comparou Gomez Menendi erdade de Petro Menendi Barva dalio que era foreira. Item, in esse logar comparou Roderico Alfonsi, filius de Alfonso Gil, erdade de Dominicus Suariz que é foreira. Item, esse Gomez Menendi comparou erdade de Menendo de Mareces que é foreira del Rey. Item, don Petrus Suarit gaanou una casa de Pelagio Monaco clerico que foy Joiz entre erdadores rendeiros. Item, in ipso loco cambiou don Joam Gomez cum Espital erdade entre estes erdadores rendeiros del Rey: et estes davam cada ano j. maravedi ao Espital, et don Joam Gomez fila deles por este maravedi tam gran servizo que o non

podem sofrer. Item, Menendus Picon comparou erdade in Rio de Moynos de Joanel que era foreira: er vendeu a Petro Johannis de Porto Carreiro et non dam dela renda al Rey. Item, esse Menendo Picon filou uma casa foreira per forza a esses erda-dores; e vendeu a a Petro Johannis et non fazem dela foro al Rei. Item, Maria Dominici dessa vila recebeu Roderico Alfonsi por filio in erdade foreira del Rey.

Item, Martinus Petri et Johannis Pelaiz foreiros de Fao am erdade in Rio de Molinis: et faziam dela foro al Rey et ora nom no querem fazer».



GONTIMIR

Como se verifica, era importante o reguengo chamado GONTIMIR, com cortinhas e leiras. Possuia 48 logarejos, a saber:

Agra. Agrelo de Jusão.
Agrelo de Susão. Agro de Gendo.
Agro de Eirigo. Agro Maior.
Barrosas. Campos. Cortas.
Covas. Covelo. Infestas.
Feijoal. Fojos. Folgosa.
Geraz. Guilifonxi. Gulpeleiras.
Leira Longa. Leiro.
Longarão. Longoiros.
Lombo. Madrião. Painçais.
Pedragosa. Pousadoiros.
Pomar. Queixo.
Reguenga. Ripa.
Romaim. Salgueiros.
Santo Fausto.

Sarapilido de Jusão.
Sarapilido de Susão.
Senra. Senra. Senrela.
Sobre-Pôço. Solinar.
Sob-Palácio. Talho.
Talho Mediano. Trás-o-Valo.
Travessas. Travesso.
Vinhãl.

Por lapso tipográfico, esqueceu incluir mais dois logarejos em Gontimir: Gulpeleiras e Painçais, onde o rei tinha, respectivamente, uma e duas leiras.

Onde seria este reguengo de Gontimir, cujo nome não aparece agora como logar de Marinhas, a-par dos outros—Góios e Rio-de-Moinhos? O nome teria sido substituído ou suplantado por outro, ou o terreno do reguengo teria sido sacrificado ao progresso e desenvolvimento de Espözende?

Memórias Paroquiais de 1758

S. PAIO D'ANTAS. — «Consta por tradição, que os Mouros tiveram hũa cidade nesta freguezia em huns campos que se chamão—Redondas—junto da Estrada que vai de Viana para a cidade do Porto; ainda se descobrem nos ditos campos muitos tijolos e outros fragmentos de louças e materiais que mostram houve naquelle sitio povoação grande. Algũa probabilidade tem esta conjectura porque logo ao pé está o Monte chamado da Cividade, em cuja emicencia se vem fundamentos de duas fortalezas de pedras miudas que era o de que as fazião, como se ve em outras muitas. Daqui

se descobre grande parte do mar com distancia de menos de quarto de Legoa. Dizem se chamara a Cidade de Redondas donde ficarão os Campos ainda conservando o mesmo nome que della derivarão». (Tomo XIII, fl. 20).

Teve outra (ermida) de Santo Estevão no lugar da Portela de Bayxo de que não ha já vestigios, e só no Pateo da Rezidencia e à porta da mesma duas columnas que servirão de cunhais da porta ou frontispicio da mesma Ermida em ambos se conhece ainda muitos signais de letras de que por antigas se não percebe couza algũa». (Tomo XIII, fl. 26).

...So consta haver sido Mosteyro de Relijiosos pelo que no pateo intrior da Caza da Rezidencia se achão (suposto já sem campas) muitas sepulturas em tal forma que em qualquer parte dele que se abra a terra se topa com ossos de corpus humanus e de não pequena estatura...». (Tomo XIII, fl. 27).

Julguei interessante arquivar, aqui, algo do que disse o pároco de

S. Paio d'Antas, ano 1758, no chamado «Inquérito do Marquês de Pombal», após o terremoto de Lisboa, inquérito feito por todas as paróquias e que se destinava ao «Dicionário Geográfico» de Cardoso. Julguei interessante, visto ter relação com o que escreveu o saudoso Dr. Figueiredo da Guerra e a que eu fis referência no Capítulo V deste humilde trabalho.

Convém acentuar, no entanto, que o vocábulo *cidade*, aqui empregado, teve, noutros tempos, diferente significação da de hoje, exactamente como o vocábulo *vila*.

Civitas, no tempo dos romanos, era a *capital* duma nação ou grande parte dela, e todo o seu território, campo ou diocese; e, na baixa latimidade, foram chamados *cidades* os grupos de muitos logares abertos, que tinham o mesmo governo.

Cividade é termo antigo, significando *cidade*. No tempo dos godos, *cidade* era o conjunto de muitos logares abertos, ou situados em planícies; em Portugal foi, depois, julgado ou *concelho* que tinha por cabeça uma vila acastelada.

* *
Tambem as «Memórias Paro-
quiais», falando de GÁNDRA, di-
zem:

«Nam tem privilegios, antigui-
dades, somente junto do Rio em
varios campos confrontantes ao Lu-
gar de Fam se acham huns altos de
terra cubertos de matos com seus
fogos os quoaes altos se chamam os
maturos de Fam e se diz fora obra fa-
bricada pellos Mouros por tradição;
e não ha outra couza digna de me-
moria. (Tomvo XVII, fl. 81).

NOTA FINAL

Chamo a atenção do leitor para a minha anunciada obra «TERRAS PORTUGUESAS», que será um interessante *Arquivo Histórico-Corográfico*, — em fascículos mensais de 32 páginas e ao preço de 5\$00. A obra será prefaciada pelo ilustre académico Sr. Dr. António Baião, director do Arquivo Nacional da Torre-do-Tombo.

Nessa minha publicação darei valiosas notícias das Terras de Portugal,—não esquecendo, é claro, a risonha vila de Espózende, cujo progresso tanto desejo e tradições gloriosas sempre me apraz registrar.

BAPTISTA DE LIMA.



BMMB



34740025801

ESPOZENDE ATE 1258

Biblio
Manuel